

Exercícios de Linguagens e Códigos

E	U	
P	A	S-
S	O	

	T	U
P	A	S-
S	A	S

E	L	E
	R	A-
L	A	

Exercícios de Linguagens e Códigos

1.



Dos recursos linguísticos presentes nos quadrinhos, o que contribui de modo mais decisivo para o efeito de humor é a:

- a) pergunta que está subentendida no primeiro quadrinho.
- b) primeira fala do primeiro quadrinho.
- c) falta de sentido do diálogo entre candidato e cabo eleitoral.
- d) utilização de “Fulano”, “Beltrano” e “Sicrano” como nomes próprios.
- e) ambiguidade que ocorre no uso da expressão “pelas costas”.

2. Em 26 de outubro de 2006, um jornal de S. Paulo veiculou a seguinte propaganda:

“Se no Brasil ninguém paga caro por mentir, por que você vai pagar caro pela verdade? Assine o Jornal X a partir de R\$ XX,XX.”

- a) A propaganda explora dois sentidos de “pagar caro”. Quais?
- b) A propaganda procura construir certas imagens para o jornal. Quais?
- c) Para construir essas imagens, a propaganda torna natural uma imagem estereotipada do Brasil. Comente a importância da construção sintática “se (...), por que (...)” e do pronome “ninguém” nesse processo.

3. A UTILIDADE DE NASCER

A poesia invadiu a vida inteira de Drummond. Fez versos sobre acontecimentos, recompôs a infância, cavucou sentimentos e revelou uma e outra nudez em poemas que guardou em pastas.

Ninguém percebeu quando atravessou, mais leve que o ar, o canto sombreado do quarto. Era um anjo delicadamente pendido para o lado esquerdo, como se o coração pesasse mais do que as asas mínimas pudessem sustentar. No burburinho, ninguém o escutou sussurrar ao recém-nascido: “Vai, Carlos! ser gauche na vida.” O menino não entendeu, naturalmente. Naquele 1902, ainda não penetrara no reino da linguagem, desconhecia as faces secretas e mesmo as faces neutras de cada palavra. Apenas ficou aliviado em saber que o anjo não estava ali para levá-lo e que ele próprio viera ao mundo para desempatar a família em nome dos vivos: Carlos seria o quinto filho de Julieta Augusta, e não o quinto a fenecer antes dos dois anos de idade. Deus ainda não o chamava; limitava-se a acenar para que esperasse. Esperar, num tempo de jardins e manhãs, na pacata e silente cidade em que nada acontece, era atentar para a voz sacramental do relógio da matriz e tentar não morrer de paz.

O menino Carlos não fazia muito quando saía. Podia ir rumo à aula de ditados desinteressantes e turvas tabuadas, ou acudir à casa do velho Alfredo Duval, artesão, prontificando-se a alcançar-lhe os instrumentos e a ficar ouvindo seus tantos provérbios anticlericais, quando não algo incompreensível sobre um tal de Bakunin. Voltando deste ou daquele passatempo, detinha-se sempre no riacho para se refrescar e, refletido nas águas plácidas, se descobria, indagava: que menino era aquele ali?

Depois chegava em casa e esquecia de si. Seu corpo franzino amplificava-se de súbito, sua pele perdia a brancura excessiva, seus medos de menino tornavam-se audácias de gente grande e ele logo aparecia digno, convertido em Robinson Crusóe (e que tristeza sentiria quando o herói deixasse a ilha!).

Foi então que o herói deixou a ilha. Despediu-se de sua Biblioteca Internacional de Obras Célebres, 24 volumes em percalina verde que haviam feito sua grande alegria, beijou a face da mãe incentivando-lhe o rubor costumeiro, afagou seu coque loiro com mãos nem tão pequeninas e adentrou sem alarde o trem de ferro. Pela primeira vez, viu-se viajando em bloco, cocurutos que se assemelhavam a cabeças de gado, e compreendeu que algo se transformava no mundo (tinha 13 anos, agora, e começava a ganhar intimidade com essa palavra). A novidade seguinte foi o despertar em série, 75 internos de um colégio católico abrindo os olhos um atrás do outro, como peças de dominó bem arranjadas. A partir de então, jamais voltaria a sentir que acordava de todo só, soberano.

Seu olhar a tudo absorvia, fosse o conhecimento sistemático que lhe propunham ou as brincadeiras de criança que o aturdiavam, mas o menino, itabirano, carregava em seu peito algo

que teimava em se ocultar. Esse algo era preciso desvendar, talvez o hábito de sofrer (que era mais a sensação do sofrer que nunca experimentara) e a vontade de amar.

Julián Fuks, Revista Entre Livros, ano 3, nº 25

a) Transcreva, do primeiro parágrafo do texto “A utilidade de nascer”, um exemplo de recurso de citação.

b) Identifique, dentre os fatores pragmáticos citados no quadro acima, aquele que ocorre, de forma predominante, no processo sociocomunicativo do texto “A utilidade de nascer.”

4. Bem no fundo
no fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto

a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela – silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,
maldito seja quem olhar pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais

mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos saem todos a passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas

(LEMINSKI, Paulo. Distraídos venceremos. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.)

O poema de Paulo Leminski estrutura-se em três momentos de significação, que podem ser assim caracterizados: hipótese (1a estrofe); decreto (2a e 3a estrofes); conclusão reflexiva (4a estrofe).

No terceiro momento, o texto vale-se do humor como estratégia para lidar com a impossibilidade de execução do desejado “decreto”. Nomeie dois recursos linguísticos que provocam o referido humor.

5. (UERJ) Texto

Uma mulher chamada Guitarra

Um dia, casualmente, eu disse a um amigo que a guitarra, ou violão, era “a música em forma de mulher”. A frase o encantou e ele a andou espalhando como se ela constituísse o que os franceses chamam um *mot d’esprit*¹. Pesa-me ponderar que ela não quer ser nada disso; é, melhor, a pura verdade dos fatos.

O violão é não só a música (com todas as suas possibilidades orquestrais latentes) em forma de mulher, como, de todos os instrumentos musicais que se inspiram na forma feminina – viola, violino, bandolim, violoncelo, contrabaixo –, o único que representa a mulher ideal: nem grande, nem pequena; de pescoço alongado, ombros redondos e suaves, cintura fina e ancas plenas; cultivada, mas sem jactância²; relutante em exhibir-se, a não ser pela mão daquele a quem ama; atenta e obediente ao seu amado, mas sem perda de caráter e dignidade; e, na intimidade, terna, sábia e apaixonada. Há mulheres-violino, mulheres-violoncelo e até mulheres-contrabaixo.

(...) Divino, delicioso instrumento que se casa tão bem com o amor e tudo o que, nos instantes mais belos da natureza, induz ao maravilhoso abandono!

E não é à toa que um dos seus mais antigos ascendentes se chama viola d’amore³, como a prenunciar o doce fenômeno de tantos corações diariamente feridos pelo melodioso acento de suas cordas... Até na maneira de ser tocado – contra o peito – lembra a mulher que se aninha nos braços do seu amado e, sem dizer-lhe nada, parece suplicar com beijos e carinhos que ele a tome toda, faça-a vibrar no mais fundo de si mesma, e a ame acima de tudo, pois do contrário ela não poderá ser nunca totalmente sua.

Ponha-se num céu alto uma Lua tranquila. Pede ela um contrabaixo? Nunca! Um violoncelo? Talvez, mas só se por trás dele houvesse um Casals⁴. Um bandolim? Nem por sombra! Um bandolim, com seus tremolos⁵, lhe perturbaria o luminoso êxtase. E o que pede então (dizeis) uma Lua tranquila num céu alto? E eu vos responderei: um violão. Pois dentre os instrumentos musicais criados pela mão do homem, só o violão é capaz de ouvir e de entender a Lua.

Para viver um grande amor. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

Vocabulário:

¹ *mot d’esprit* – dito espirituoso

² jactância – arrogância, orgulho, vaidade

³ viola d’amore – viola de amor, antigo instrumento musical

⁴ Casals – Pablo Casals, famoso violoncelista do século passado

⁵ tremolos – repetições rápidas de uma ou duas notas musicais

O título do texto de Vinicius de Moraes estabelece, indiretamente, uma relação de identidade entre dois elementos.

Tal relação se torna possível pela aplicação do seguinte mecanismo:

- a) criação de valor ilógico para uma palavra
- b) vinculação de elemento inanimado a uma pessoa
- c) atribuição de característica inusitada a um objeto
- d) transformação de sentido denotativo em metafórico

6. (UERJ) Algumas estratégias argumentativas são empregadas para persuadir o leitor de que a opinião do enunciador é, na verdade, um fato. A estratégia de persuasão presente nesse texto não inclui o uso de:

- a) imagem poética
- b) pergunta retórica
- c) interlocução direta
- d) argumento de autoridade

7. (UERJ) O violão é não só a música (...) em forma de mulher, como, de todos os instrumentos musicais que se inspiram na forma feminina (...), o único que representa a mulher ideal: (l. 7-12)

Para defender o ponto de vista acima apresentado, o enunciador organiza o segundo parágrafo com base em um processo de:

- a) definição
- b) associação
- c) exemplificação
- d) contextualização

8.



VERÍSSIMO, Luis Fernando. As cobras. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

Na tira, as duas cobras estão dialogando entre si, quando a minhoca interfere. Nessa situação, a repetição e o tom exclamativo da fala da minhoca destacam principalmente a seguinte característica da personagem:

- a) raiva
- b) ansiedade
- c) intolerância
- d) contrariedade

Gabarito

1. E
2. a) No trecho “ninguém paga caro por mentir”, a expressão “paga caro” equivale a sofrer uma dura punição. Já em “pagar caro pela verdade”, a mesma expressão tem sentido de gastar uma elevada quantia em dinheiro.
b) O “Jornal X” anuncia-se como um veículo comprometido com a verdade. Num contexto em que a mentira vigora, mostra-se audaz por contrariar essa ordem estabelecida, denunciando-a. Além disso, cria a imagem de um jornal justo, pois cobra preços adequados pela divulgação de notícias verdadeiras. Mesmo apresentando-se como uma exceção num contexto de impunidade que propicia a mentira, não explora seus leitores ao vender um produto tão raro como a verdade.
c) O trecho “se no Brasil ninguém paga caro por mentir” apresenta em forma de condição uma idéia tida como verdadeira pelo senso comum, segundo a qual a impunidade é constante no país, o que se reforça com a generalização presente no pronome indefinido “ninguém”. Uma vez que a condição é vista como verdade, entendemos “por que você vai pagar caro pela verdade?” como uma pergunta retórica (isto é, que nem precisa ser respondida), afirmando que a verdade não pode custar caro.
3. a) “Vai, Carlos! ser gauche na vida.”
Por sua vez, ao empregar a alusão, o texto apresenta um conjunto de fatores responsáveis pela construção do sentido, como a coerência e a coesão, que se relacionam com o material conceitual e lingüístico do texto, e a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade, que têm a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo.
b) intertextualidade.
4. Os dois recursos linguísticos que provocam o humor são a personificação e o uso do diminutivo.
5. C
6. D
7. B
8. B